

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Educação em territórios de baixa densidade: expectativas escolares e aspirações profissionais de estudantes do ensino secundário

Mariana Pereira Bragança

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar,
Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2024



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Educação em territórios de baixa densidade: expectativas escolares e aspirações profissionais de estudantes do ensino secundário

Mariana Pereira Bragança

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar,
Iscte- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2024

Resumo

A educação, assim como as restantes instituições sociais que regem o nosso dia a dia, são criadoras e reprodutoras de desigualdades sociais.

O sucesso dos alunos e o percurso que estes fazem, para além de estar condicionado por variáveis como o género, a escolaridade dos pais, as condições sociais de partida, entre outros fatores, é também influenciado pelo local onde se vive. A oferta educativa não é distribuída de forma igual ao longo do território português, devido às características e recursos próprios dos territórios. Contudo, é necessário perceber que consequências é que isso tem no trajeto dos estudantes destas regiões, não só ao nível de aprendizagens e formação como, consequentemente, ao nível do trabalho e profissão.

Deste modo, a presente tese tem como objetivo perceber de que forma é que é vivida e experienciada a educação em territórios de baixa densidade e compreender como é que a oferta e a experiência de cada um afeta as expectativas escolares e as aspirações profissionais dos estudantes do secundário residentes nestes territórios.

A metodologia aplicada foi do tipo qualitativo, através da realização de entrevistas a jovens do ensino secundário, residentes em territórios de baixa densidade. Através da análise do discurso destes estudantes foi possível compreender que estes são confrontados com diversos obstáculos no decorrer do seu percurso, nomeadamente ao nível da oferta de cursos e disciplinas, revelando-se por vezes como um entrave para a aprendizagem. Não obstante, as expectativas destes jovens são positivas, mas conscientes de que, para seguirem algo relacionado com a área de estudo que pretendem ingressar, têm de sair da sua zona de residência, devido à fraca diversidade do mercado de trabalho.

Palavras-chave: educação; territórios de baixa densidade; expectativas escolares; aspirações profissionais

Abstract

Education, like the other social institutions that govern our daily lives, creates and reproduces social inequalities.

In addition to being conditioned by variables such as gender, parents' schooling, social conditions, among other factors, students' success and the path they take is also influenced by where they live. Educational provision is not equally distributed throughout Portugal, due to the characteristics and resources of the area itself, but it is necessary to understand what consequences this has on the path of the students from these regions, not only in terms of learning and training but also, consequently, in terms of work and profession.

The aim of this thesis is therefore to understand how education is lived and experienced in low-density areas and to comprehend how the experience of each affects the educational expectations and professional aspirations of secondary school students living in these areas.

The methodology used was qualitative, with interviews with young secondary school students living in low-density areas. By analyzing the discourse of these students, it was possible to understand that they are confronted with various obstacles along the way, specially in terms of the range of courses and subjects on offer, sometimes proving to be an obstacle to learning. Their expectations for the future are positive, but they are aware that in order to pursue something related to the area of study they want to enter, they have to leave their area of residence due to the poor diversity of the job market.

Key words: education; low density territories; educational expectations; professional aspirations

Índice

Introdução.....	1
I. Revisão da Literatura.....	3
1. Desigualdades sociais.....	3
2. Desigualdades territoriais.....	3
a) Assimetrias no território português.....	3
b) Territórios de baixa densidade: conceitos e características.....	5
3. Evolução do sistema educativo português.....	7
a) Mudanças ao nível do ensino secundário.....	9
4. Expectativas escolares e as suas condicionantes.....	11
II. Metodologia.....	13
III. Resultados.....	16
1.1 Caracterização do Território de Residência.....	16
1.2 Análise do Percorso Escolar.....	19
1.3 Experiência no Ensino Secundário.....	21
1.4 Expectativas Escolares e Aspirações Profissionais.....	27
IV. Conclusões.....	32
V. Fontes.....	36
VI. Referências Bibliográficas.....	36
VII. Anexos.....	38
Anexo 1 : Guião de entrevista – Alunos do secundário.....	38

Introdução

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, assistiu-se, nos países ocidentais, à transição de uma sociedade industrial para uma sociedade reflexiva, onde o conhecimento teórico e prático passou a ser um meio de ascensão social. Contudo, a democratização e massificação do ensino, para proporcionar que todos tivessem acesso a este conhecimento, apesar de ter atenuado algumas desigualdades, acentuou ou criou outras (Mauritti et al., 2019).

A presente dissertação foca-se nas desigualdades na educação ao nível do território, percebendo de que forma é que zonas de baixa densidade influenciam ou condicionam os jovens, ao nível do sucesso e aspirações académicas, assim como a sua visão para o futuro, ao nível de perspetivas de trabalho. Deste modo, os principais objetivos passam por identificar o que são territórios de baixa densidade e quais as suas características, analisar os processos educativos na sua relação com o território, especificamente os territórios de baixa densidade; quais as mudanças que têm vindo a ocorrer nestes processos; e, de que modo é que as expectativas académicas e as aspirações profissionais dos jovens no ensino secundário são influenciadas por esta relação com o território. Os sujeitos de pesquisa são entrevistados no sentido de responder à pergunta de partida: de que modo é que a residência em territórios de baixa densidade afeta as expectativas escolares e as aspirações profissionais dos estudantes do ensino secundário?

Relativamente à estrutura do trabalho, na revisão da literatura são abordadas questões relativas às desigualdades sociais, é analisado o território português, identificados o que são territórios de baixa densidade e quais as suas características. Relativamente à educação, faz-se uma breve análise da sua evolução e da sua oferta, de modo a perceber a existência de diferenças ao longo do território português. Dedicar-se ainda um capítulo às expectativas escolares, de modo a compreender que variáveis as influenciam.

Quanto à metodologia, é do tipo qualitativo, com recurso a entrevistas semiestruturadas a estudantes do ensino secundário residentes no território de baixa densidade selecionado. Recolhidos os dados, estes são apresentados num capítulo de resultados e por último são apresentadas as conclusões, que refletem sobre todo o trabalho e analisam os resultados em conjugação com o que foi apreendido na revisão de literatura.

I. Revisão da Literatura

1. Desigualdades sociais

Num mundo global, cada vez mais ligado entre si, importa questionar como é que ainda persistem tantas desigualdades, não só entre países como dentro de cada país, seja a nível de saúde, emprego e educação. Estudos da OCDE têm revelado que o fosso entre ricos e pobres é cada vez maior e em um terço dos países da OCDE as desigualdades de rendimento não pararam de aumentar desde 1980 (Matias, 2015). A explicação para este fenómeno é atribuída a mudanças estruturais, como por exemplo, o envelhecimento da população, a baixa eficácia da política fiscal dos países e as próprias dinâmicas de globalização, com os progressos na tecnologia de informação e comunicação, transformações no mercado de trabalho, entre outros. Contudo, independentemente das diversas definições e variáveis que os autores apresentam para a justificação das desigualdades, o ponto comum foca-se no impacto efetivo que estas têm, nomeadamente para a felicidade e bem-estar da população. Mesmo nos países desenvolvidos, o contínuo fosso entre gerações, classes e hierarquias produz desigualdades que não contribuem para o “desenvolvimento humano mais alargado e para o bem-estar dos indivíduos” (Sen, 2009 citado por Matias, 2015: 12)

2. Desigualdades territoriais

a) Assimetrias no território português

Em Portugal, apesar da modernização económica e social, comparativamente à Europa, a industrialização tardia e parcial manteve uma enorme proporção de famílias ligadas à agricultura, não estabelecendo uma base económica e social para o crescimento e diversificação das atividades terciárias, o que se reflete na estrutura social portuguesa. Contudo, esta estrutura, e o próprio território, têm vindo a sofrer alterações (Mauritti et al., 2019). Neste sentido, Mauritti et al. (2019) mobilizaram um conjunto de indicadores estatísticos focados na escala regional (NUTS1 II) para compreender as assimetrias internas do país.

Em termos demográficos, concluíram que cerca de 1/3 da população portuguesa reside nas zonas rurais e periféricas, ocupando 81,4% do território, e os restantes 2/3 concentram-se na

faixa territorial inversa. O envelhecimento, é mais expressivo nos territórios rurais, mais próximos da fronteira e mais afastados dos grandes centros urbanos, evidenciando um desequilíbrio demográfico.

Tendo em conta este desequilíbrio, o estudo revelou, ao nível da educação, que na Área Metropolitana de Lisboa, em 2015, a taxa real de escolarização no pré-escolar está 20,7% aquém do esperado, tendo o Alentejo a melhor performance. Já na transição para o secundário, quase 1/4 dos jovens do Continente, com idades entre os 15 e os 17 anos, não estão no patamar de escolarização esperado, opondo o Norte (com 79% de taxa real de escolarização no ensino secundário) e o Algarve (com 67%). Ao nível do ensino superior, destaca-se a AML com 47% de taxa real de escolarização e a região do Algarve com 17%.

No todo nacional, cerca de 48% da população empregada com 25 a 64 anos tem níveis de escolaridade abaixo do secundário. A AML tem o mesmo peso relativo de pessoas com escolaridade básica e superior (35%). Nas restantes regiões, o nível de escolaridade predominante não vai além do básico. Cerca de ¼ do total de empregados encontra-se em quadros superiores e especialistas, 33% na AML, 17% na R.A. dos Açores e 20% no Alentejo.

Ao nível da taxa de emprego, a AML apresenta os valores mais equitativos de paridade entre sexos, destacando o escalão dos 25 aos 35 anos, sendo também a região que mais coincide com a média nacional, 52%. Já o Algarve e o Norte apresentam valores inferiores à média nacional, 48,2% e 51,4%, respetivamente.

De acrescentar as descobertas dos autores ao nível da saúde, umas das dimensões mais valorizadas pelos cidadãos, quanto ao número de enfermeiros por 1000 habitantes, as regiões Norte, Centro e AML acompanham a média nacional dos 6,7%, sendo apenas os Açores com uma média superior (8%). No número de médicos por 1000 habitantes, a média é de 4,9 médicos, sendo a AML a única com valor superior (6,3%). Todas as restantes regiões apresentam valores abaixo, particularmente o Algarve, Açores e Alentejo.

Concluindo, ao analisar o território português, nas variáveis que refletem o nível de desenvolvimento de um país (educação, emprego e saúde), verifica-se que Portugal tem muitas assimetrias internas, sendo os territórios do interior, de matriz rural, longe dos centros urbanos e da sua influência, que mais se vêem afetados. Importa neste sentido fazer uma análise destes territórios, e compreender as suas características.

b) Territórios de baixa densidade: conceitos e características

Em 2015, surgiu uma classificação geográfica oficial dos territórios de baixa densidade, apresentada pela Comissão Interministerial de Coordenação (CIC) do ‘Portugal 2020’ (Deliberação n.º 55/2015), que definiu, em 2015, que no total de 278 municípios em Portugal Continental, 165 municípios e 73 freguesias eram territórios de baixa densidade, existindo uma assimetria regional entre os municípios do interior e das zonas costeiras (Mota, 2019).

Se tivermos em conta a densidade populacional, a Tipologia de Áreas Urbanas (TIPAU), uma nomenclatura territorial que mede o grau de urbanização em Portugal, esta classifica as freguesias em: Áreas Predominantemente Urbanas (APU), população residente igual ou superior a 5000 habitantes; Áreas Mediamente Urbanas (AMU), população residente igual ou inferior a 5000 habitantes; e Áreas Predominantemente Rurais (APR), que engloba freguesias que não se incluem nem nas APU nem nas AMU (Mota, 2019).

O conceito de território pode assumir várias conceções e é interpretado pelos autores de diversas formas, mas o consenso da sua definição remete para a importância do território como um espaço construído, que resultou de uma luta de forças e conflitos entre diferentes jurisdições e representações num dado momento da história, “num constante movimento de desconstrução e reconstrução” (Covas e Covas, 2015 citado por Mota, 2019: 11). Assim, o território de baixa densidade apresenta-se como uma área de baixa densidade demográfica e relacional, com baixas interações entre pessoas e entre instituições. Estas zonas são caracterizadas por população envelhecida, com baixas qualificações escolares, que recorrem à agricultura como atividade principal. Estes fatores contribuem para o envelhecimento populacional e para o esvaziamento das zonas rurais, considerando ainda que a proximidade e ligação aos grandes centros urbanos é limitada e pouco frequente (Mota, 2019).

É importante ter em conta esta fraca ligação com os centros urbanos e perceber de que modo é que pode afetar o desenvolvimento, considerando que a mobilidade é cada vez mais uma condição de acessibilidade. Ao rural e ao campo associa-se por norma um lugar com maior qualidade de vida pela sua proximidade e ligação com a natureza, contudo, a população residente não vive só dessa ligação, mas necessita também de recursos, infraestruturas e capacidade para se moverem, de modo a não se encontrarem em risco de exclusão social (Hedberg & Carmo, 2012 citado por Carvalho e Oliveira, 2017).

Considerando estas definições, e tendo em conta os resultados do estudo anterior (Mauritti et al., 2019) destaca-se a persistência de um conjunto de desigualdades com maior foco em territórios de matriz rural, afastados dos grandes centros urbanos e dos seus perímetros de influência. Estas assimetrias refletem-se na estrutura social portuguesa e têm consequências sociais e económicas que provocam o agravamento das desigualdades sociais e acentuam o atraso de Portugal, em comparação com a maior parte dos países europeus.

Em resumo, e de modo a definir o conceito que vai ser usado neste trabalho, podemos dizer que os territórios de baixa densidade são aqueles que apresentam, de forma constante, índices inferiores à média nacional, seja em termos de educação (baixos níveis de qualificação); ao nível da saúde (fracas infraestruturas); em termos demográficos (baixa natalidade) e ao nível da economia (baixos vencimentos).

3. Evolução do sistema educativo português

Considerando que o foco desta tese é a educação em territórios de baixa densidade, importa fazer um breve contexto da evolução da educação, especialmente nas zonas rurais. Ao analisar o caso português são vários os momentos de rutura ao nível da educação. De acordo com João Barroso (2003, citado por Almeida, 2022) é possível dividir o processo de reformas educativas em 4 fases: a Revolução (desde 25 de abril de 1974 até à tomada de posse do primeiro Governo Constitucional em 1976), a Normalização (de 1976 a 1986), a Reforma (de 1986 até ao final do século XX) e o Descontentamento (desde o início do século XXI até aos dias de hoje).

Apesar dos vários momentos de reviravolta e mudanças ao longo de todos esses anos, é importante destacar a criação da Lei de Bases do Sistema Educativo, a 14 de outubro de 1986, que define, até aos dias de hoje, o quadro geral do sistema educativo, o qual concretiza o direito à educação e pretende garantir uma permanente ação formativa orientada para favorecer “o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade” (Lei nº46/86, de 14 de outubro). Este documento, que sofreu alterações ao longo dos anos, define, atualmente, os 12 anos de escolaridade obrigatória e a sua organização, em educação pré-escolar, educação escolar – que compreende o ensino básico, secundário, superior e outras modalidades especiais – e ainda a educação extra-escolar – um complemento da formação escolar.

Abordando a evolução e as alterações que impactaram territórios de baixa densidade, com o “Plano dos Centenários”, levado a cabo pelo Estado Novo, foram construídos 6060 edifícios e 12500 salas, numa rede de proximidade, adequada à população jovem e à acessibilidade extremamente deficitária da altura. Contudo, com a vaga de emigração dos anos 60/70, a perda de população e o envelhecimento, o país passou a ter demasiadas escolas para poucos alunos, pelo que foi decidido o encerramento das escolas de 1º ciclo do ensino básico que tivesse um número inferior a 21 alunos. Perante esta decisão, foram muitos os oponentes, visto que estas escolas permitiam ao professor uma maior relação com o aluno, com a família e com a comunidade, através de variadas sinergias que permitiam a realização de projetos locais e uma maior socialização das crianças com o espaço. Por outro lado, foi preciso ter em conta que são escolas com poucos alunos e poucos recursos, com uma variedade que não permite dar a devida atenção a todos, o que leva a que estejam menos preparados relativamente a outras escolas. O

isolamento pedagógico e os resultados não os preparam para a vida futura (Cordeiro et al., 2016).

Esta reconfiguração da rede escolar, da tipologia dos seus estabelecimentos e dos seus órgãos de gestão, foi um processo que não foi realizado de forma descentralizada, negociada e participada, mas sim sob orientação do governo e ação das direções regionais de educação, de modo a ter práticas efetivas e padronizadas. Assim passou-se de uma rede de proximidade e alargada para uma rede concentrada nas sedes dos concelhos, uma “rede de agrupamentos” (Lima e Torres, 2020: 750). Os agrupamentos de escolas pretendiam que os estudantes de determinada área geográfica tivessem um percurso sequencial e articulado, para atenuar a transição entre níveis e ciclos de ensino, evitar situações de isolamento de escolas e estabelecimentos de educação pré-escolar e prevenir a exclusão social e escolar. A constituição deste agrupamento devia ter “uma construção de percursos escolares integrados, articulação curricular entre níveis e ciclos educativos, proximidade geográfica, necessidades de ordenamento da rede dos ensinos básico e secundário e da educação pré-escolar” (Lima e Torres, 2020: 750). De acordo com os dados recolhidos por Lima e Torres (2020), através da DGEEC-ME, em 2018, 57% da totalidade dos agrupamentos localizava-se na faixa litoral, entre os distritos do Porto, Lisboa, Setúbal, Braga e Aveiro. Sendo que Lisboa e Sintra detêm 28 e 20, respetivamente, Porto com 15, Vila Nova de Gaia e Guimarães com 14 agrupamentos (Lima e Torres, 2020).

Observa-se que, apesar das preocupações com o combate ao isolamento, à exclusão social, condições de igualdade e equidade, numa tentativa de racionalização e democratização da rede escolar em Portugal, os atores locais ficaram de fora na definição de estratégias adequadas às especificidades das comunidades e das instituições envolventes. Por conseguinte, a dimensão e dispersão geográfica de alguns estabelecimentos tiveram um impacto negativo nas dinâmicas sociais, culturais e económicas do território (Lima e Torres, 2020: 767). Acrescentando ainda, que a estrutura das escolas tem por base princípios organizativos, sistemas de valores e rotinas típicas das zonas urbanas, criando uma “desestruturação dos modos tradicionais de reprodução da vida social em meio rural” (Sebastião, João et al., 1994: 36). Ao mesmo tempo, considerando a inclinação para o mercado de trabalho e a preparação para a condição salarial, a verdade é que “a escola não prepara os jovens de origem rural para essa integração, antes pode constituir um fator de desintegração e exclusão” (Sebastião, João et al., 1994: 36).

Neste sentido, importa compreender o impacto que estas medidas tiveram ao longo dos anos e qual o efeito no território, de modo a perceber se o encerramento das escolas, em detrimento da constituição de agrupamentos, foi positivo para os alunos e para o território, dando-lhes um bom suporte para o futuro, sem desvitalizar a sua zona de residência.

a) Mudanças ao nível do ensino secundário

Esta reorganização da rede escolar deu-se não só ao nível do ensino básico, mas também o ensino secundário, e tem sofrido alterações ao longo das décadas.

Como refere Pereira (2014), considerando o acesso e a taxa de escolarização real no ensino secundário em Portugal, podem ser apreendidas três etapas: entre 1974 e 1985, houve um crescimento contínuo da procura social e das taxas de escolarização real, mas que se mantinha restrito às elites; segue-se um momento de transição para um sistema de massas, com a elevação da escolaridade obrigatória para nove anos. E uma terceira etapa, de transição para um sistema universal, obrigatório e acessível, com a expansão muito rápida da taxa de escolarização e a obrigatoriedade legal de 12 anos de escolaridade (Lei nº 85/2009, de 27 de agosto).

Como definido na Lei de Bases do Sistema Educativo, o ensino secundário atual é acessível a todos os que completam o ensino básico, tem a duração de 3 anos e contempla a existência de cursos orientados para a vida ativa ou para o prosseguimento de estudos, sendo garantida a permeabilidade entre cursos. A conclusão deste ciclo, com aproveitamento, tem a atribuição de um diploma que certifica a formação adquirida e, para os cursos de formação para a vida ativa, certifica a qualificação para o exercício de atividades profissionais determinadas.

Até conseguir alcançar todas estas mudanças e progressos, foram muitos os jovens que, ao procurar o ensino secundário, se confrontaram com a reprovação ou a exclusão maciça, através da não disponibilização de vagas suficientes, ou pela fraca existência de uma resposta educativa (Antunes, 2019). Com a democratização do ensino, o público escolar apresenta cada vez mais diversidade socioeconómica e cultural. Assim, para responder a esta necessidade, e perante a exigência do mercado escolar e profissional internacional, foi necessário aplicar medidas de combate a uma cultura de reprovação muito vincada em Portugal (OCDE, 2020 citado por Seabra et al., 2022: 523), com soluções que passaram pela diversificação de oferta, de modo a cativar a população escolar e evitar situações de insucesso e abandono.

O insucesso escolar e a reprovação, assim como o contexto socioeconómico e as estratégias familiares, encontram-se na lista de razões para o aparecimento do fenómeno do abandono escolar, este que é provocado muitas vezes por “zonas desfavorecidas, famílias com pouco diálogo, fracas ambições escolares e fracos resultados, atração pelo mercado de trabalho, professores pouco motivantes e ausência de empatia” (Sebastião, João et al., 1994: 30). O abandono “constitui uma situação extrema de desigualdade entre os que vivem curtos percursos escolares, fracassam e abandonam e os que obtêm sucesso certificado e vivem longos percursos académicos, com as respetivas consequências pessoais e sociais do saber e dos títulos.” (Sebastião, João et al., 1994: 12).

Neste contexto, e sob pressão das políticas europeias de educação e formação, os cursos profissionais passaram a ser oferecidos nas escolas públicas, permitindo o acesso a mais alunos e alargando o leque de oportunidades e, para além disso, o exame nacional deixou de ser exigido para a conclusão do ensino secundário, também ao nível da educação profissional do ensino regular. Estas medidas permitiram que no final do ano letivo 2010/2011 a taxa de transição/conclusão do ensino secundário estivesse nos 79,2% e a taxa de desistência baixasse para os 20,5% (Antunes, 2019).

Um dos exemplos positivos do efeito dos cursos profissionais em territórios da baixa densidade encontra-se na Beira Interior Norte, que tem revelado uma reduzida capacidade de fixar e atrair população e investimentos essenciais para o desenvolver (Álvaro, 2013). Ao nível da educação, o Ensino Básico é a habilitação de 61% e 51,5% dos homens e mulheres. Contudo, com a oferta profissional nas escolas secundárias, em 2005/06 matricularam-se nos cursos profissionais 30,7% dos alunos do ensino secundário, passando em 2010/11 para 75,4% (Álvaro, 2013). Reconhece-se assim o sucesso alcançado pelos cursos profissionais, especificamente nesta região, considerando o aumento de procura por parte dos alunos por estes cursos.

Ao observar a evolução do ensino secundário, verifica-se um acesso generalizado a este nível de ensino, um aumento do nível médio de educação da população, a atenuação de desigualdades sociais e a diminuição das divisões sociais entre vias de estudos (Pereira, 2014). O ensino secundário, assim como os restantes ciclos, tem sofrido alterações legislativas e estruturais ao longo dos anos, numa lógica de redução, situado nos 3 anos atualmente, com um

número limitado de áreas de estudo, mas numa base de oferta plural e diversificada que pretende responder às necessidades e interesses de um público jovem cada vez mais diversificado e focando-se também num objetivo central, o de diminuir as taxas de insucesso e de saída precoce (Vieira, 2016: 41).

Apesar das diversas alterações que foram acontecendo ao nível da educação, algumas com efeitos positivos, outras mais negativo, destaca-se, no geral, as várias melhorias que se registaram ao longo das décadas, como seja, o alargamento da escolaridade obrigatória para 12 anos, a diminuição acentuada das taxas de insucesso e abandono escolar e o investimento no ensino profissional e na educação de adultos. Ao nível do ensino superior, o aumento das ofertas formativas e das vagas, a adequação a um modelo integrado europeu (“processo de Bolonha”), a melhoria de valores de empregabilidade, excelência, empresarialização e o empreendedorismo, equilibraram a balança de comparação com a restante Europa (Nóvoa, 2018; Rodrigues, 2014; Araújo et al., 2020 citado por Abrantes, 2022).

4. Expectativas escolares e as suas condicionantes

Um dos focos deste trabalho de dissertação são as expectativas escolares e as aspirações profissionais dos jovens do ensino secundário. Deste modo, é necessário perceber que fatores é que influenciam estas variáveis e que momentos do percurso escolar é que se revelam como fulcrais para as tomadas de decisão dos jovens acerca do seu futuro.

A diversidade de oferta normalizou a experiência do ensino secundário, contudo, a descontinuidade com o ensino básico e o foco na especialização de saberes, obriga os alunos a moldarem as suas biografias individuais e a definirem um rumo vocacional (Vieira, 2016: 41). Esta escolha não é fácil de fazer, visto que é definida num determinado tempo e espaço, com inúmeras opções, sujeitas à volatilidade, instabilidade e densidade da oferta escolar, sendo que as ofertas não são universais e estão “desigualmente distribuídas pelo território nacional” (Vieira, 2016: 4), visto que quanto mais reduzido o número de escolas e de alunos num dado espaço, menos cursos são oferecidos.

O 9º ano de escolaridade representa, no sistema de ensino português, a primeira opção vinculativa na trajetória escolar, onde os alunos se confrontam com uma lista variável e heterogénea de opções formativas, inseridas em diferentes tipos de ensino. De modo a perceber

o papel da escola e das condicionantes sociais e culturais nas escolhas individuais e nos projetos futuros, Sandra Mateus (2002) recorreu à análise dos discursos dos alunos do 9º ano de escolaridade de uma escola de 2º e 3º ciclo do ensino básico, localizada na periferia de Lisboa. A análise dos discursos permitiu perceber que os alunos da turma considerada de “excelência”, provenientes de meios sociais de prestígio e famílias com diversidade profissional, apresentam trajetórias de sucesso e aspiram ingressar no ensino geral, com foco no agrupamento científico-natural, de modo a ter mais opções no ingresso no ensino superior. Já os alunos da turma de “fracasso”, residentes em bairros sociais e de meios essencialmente operários, inclinam-se para o ensino profissional, ligado à prática e inserção no mercado de trabalho, ensino tecnológico ou agrupamento de humanidades, área menos prestigiante, que restringe o campo de escolhas posteriores.

O prestígio que é dado às áreas de estudo destaca o desigual valor das opções de formação e faz com que a escola seja um mercado dentro do qual se fazem escolhas mais ou menos vantajosa. Deste modo, a diversificação das áreas de estudo tem implícitos processos de seleção e exclusão. Para além disso, a escolha dos jovens é feita com base no que estes têm conhecimento, e não sobre todas as condições existentes. Este fator é em grande medida influenciado pela família e pelas orientações tradicionais do meio de pertença. Assim, os jovens de meios populares, que convivem com profissões menos prestigiadas, valorizam estes trajetos e atribuem a si mesmos menos competências para as desempenhar (Huteau, 1992 citado por Mateus, 2002).

Na escola, os processos de escolha são apoiados pelos serviços de orientação escolar e profissional que auxiliam na tomada de decisão e promovem o acesso à informação sobre a natureza e a forma dos diversos tipos de trabalho. Apesar da sua importância ser reconhecida, a orientação pode ser um processo de escolhas negativo, com fortes implicações sociais e como resultado de uma reação de força desigual, afetando principalmente as famílias mais desfavorecidas (Mateus, 2002).

De modo conclusivo, os jovens entrevistados revelavam perfis sociais diferenciados, com diversidade de recursos de origem e de universos profissionais, o que revelou e comprovou, mais uma vez, que as escolhas individuais, apesar de serem mostradas como livres e acessíveis a todos, são de facto condicionadas e limitadas. O meio escolar, os colegas de turma, as redes

de sociabilidade, a família e as suas respectivas profissões, o território onde se vive, os recursos económicos, entre outros fatores, restringem não só o conhecimento que os jovens têm sobre as opções a que estes podem recorrer, como criam uma ideia tipo sobre o que estes podem e devem ser.

II. Metodologia

Apresentada a revisão literária, ficou claro que as expectativas académicas e as aspirações profissionais estão condicionadas por variados fatores, seja a escolaridade dos pais, o género, as condições socioeconómicas, etc. Nesta dissertação o foco de análise é o território, de modo a perceber como é que fatores como a oferta educativa e as perceções de educação em zonas de baixa densidade afetam as expectativas que os estudantes têm acerca do seu futuro.

Para responder à pergunta de partida, de que modo é que a residência em territórios de baixa densidade afeta as expectativas escolares e as aspirações profissionais dos estudantes do ensino secundário residentes nestes territórios, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a jovens que estão atualmente a frequentar o ensino secundário e residem num território de baixa densidade.

A opção pelo ensino secundário deve-se à possibilidade de fazer uma análise de um percurso escolar mais longo, compreendendo de que forma é que foi condicionado pelo território de residência, seja ao nível de oferta educativa, programas curriculares, turmas e professores e como é que essas escolhas vão ter influência no percurso à saída do secundário. O guião convida os jovens a discutir e apresentar as motivações que estiveram na base da escolha que fizeram no 9º ano, o que mudariam, de que forma é que foi influenciada por fatores externos e, numa perspetiva futura, que efeitos terá nas suas opções.

O recurso à metodologia de tipo qualitativo, através de entrevistas semiestruturadas, deve-se ao poder que estas têm “para a obtenção de informações nos mais diversos campos.” (Amado, 2014: 207). Permite a passagem de informação que, apesar de influenciada por emoções, necessidades inconscientes e influências pessoais, é de algum modo controlável através de um bom plano de investigação (Amado, 2014). De referir ainda a abertura das questões que, apesar de seguirem um guião, permitem uma liberdade de resposta ao entrevistado e ajudam o

entrevistador a conduzir o discurso, de acordo com as respostas dadas. A não imposição de questões estanques permite “discorrer sobre o tema proposto (...) salientando o que para ele for mais relevante, com as palavras e a ordem que mais lhe convier, e possibilitando a captação imediata e corrente das informações desejadas.” (Amado, 2014: 208). Deste modo, o guião, presente no anexo 1, permite adaptar as questões de acordo com o percurso do estudante, as opções que selecionou na entrada do secundário, a influência que teve de fatores exteriores, entre outros.

Para verificar disparidades entre género, o objetivo era entrevistar o mesmo número de rapazes e raparigas, contudo, o mesmo não se verificou, existindo um maior número de raparigas entrevistadas. O mesmo sucedeu com a diversidade de percurso, apesar da perspetiva inicial em recolher dados de diversos trajetos, como o insucesso, mudança de curso, escolha do profissional, todos os entrevistados têm percursos de sucesso e a maioria frequenta cursos no ensino regular. Destaca-se assim estes pontos como obstáculos à investigação, apesar de todos os contributos serem diferentes, não há muita variedade de trajetos e de opiniões.

Relativamente ao segundo critério de seleção, o território, esta metodologia qualitativa enquadra-se num estudo de caso, definido como um “estudo em profundidade de um ou mais exemplos de um fenómeno no seu contexto natural, que reflete a perspetiva dos participantes nele envolvidos” (Gall, 2007: 447 citado por Amado, 2014: 124). Para a realização desta tese o estudo centra-se no distrito de Santarém, sendo que os jovens pertencem a freguesias dos concelhos de Salvaterra de Magos, Alpiarça e Almeirim. Esta escolha teve por base o conhecimento prévio destes concelhos e a maior facilidade em estabelecer contactos. Para além disso, tendo em conta a proximidade a dois centros urbanos, Lisboa e Santarém, é interessante perceber se estes têm alguma influência no percurso dos jovens e nos seus objetivos.

Elaborando o procedimento da recolha de dados, após realizadas as entrevistas com os primeiros entrevistados, selecionados através de contactos próximos, estes passaram contactos de amigos e conhecidos que residem em territórios de baixa densidade e frequentam o ensino secundário. Apesar das tentativas de procura de jovens com percursos diversos, através do reforço com os já entrevistados, do contacto com a escola e com a associação de estudantes, não foi possível cumprir esse objetivo, assim como o da paridade entre géneros.

Fazendo uma breve caracterização da amostra, resumida na tabela 1, as idades variam entre os 15 e os 18 anos, sendo que 2 dos entrevistados são do sexo masculino e os restantes 6 são jovens do sexo feminino. Ao nível do território, destaca-se, no concelho de Salvaterra de Magos, as freguesias do Granho e do Cocharro. Em Almeirim, Paço dos Negros e Fazendas de Almeirim e em Alpiarça, a freguesia de Frade de Baixo. À data da realização das entrevistas, apenas uma entrevistada frequentava o 12º ano, sendo que os restantes se encontravam no 11º ano.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da amostra

Entrevistados	Idade	Sexo	Escolaridade	Freguesia	Concelho
Entrevistada 1	16	F	11º	Granho	Salvaterra de Magos
Entrevistada 2	18	F	12º	Granho	Salvaterra de Magos
Entrevistado 3	16	M	11º	Cocharro	Salvaterra de Magos
Entrevistada 4	16	F	11º	Granho	Salvaterra de Magos
Entrevistada 5	17	F	11º	Frade de Baixo	Alpiarça
Entrevistado 6	16	M	11º	Paço dos Negros	Almeirim
Entrevistada 7	17	F	11º	Almeirim	Almeirim
Entrevistada 8	17	F	11º	Fazendas de Almeirim	Almeirim

Fonte: Elaboração própria

Para além da entrevista aos jovens, principais protagonistas do estudo, era objetivo entrevistar elementos da escola secundária, nomeadamente diretores ou professores responsáveis. Estas entrevistas tinham como propósito compreender a perspetiva dos docentes, de modo a detetar quais as principais dificuldades dos jovens à entrada do ensino secundário, quais são os mecanismos a que a escola recorre para ajudar no processo de transição, que diferenças é que os docentes sentem, tendo em conta a diversidade de contextos dos estudantes, que apoio é que é dado ao nível do apoio psicológico, e quais os suportes que a escola para guiar os jovens nos seus trajetos futuros. Porém, apesar das tentativas de contacto, não foi possível realizar estas entrevistas. Apesar de ser um obstáculo para a investigação, não foi um entrave ao desenvolvimento do mesmo. Não obstante, em estudos futuros sobre os mesmos tópicos, será benéfico para a investigação compreender o lado das escolas, dos docentes e dos psicólogos que acompanham estes jovens estudantes, assim como a perspetiva das famílias.

III. Resultados

Através das categorias utilizadas no guião de entrevista e com o discurso dos entrevistados, foi possível fazer análise do conteúdo das entrevistas através de quatro temas principais: Caracterização do Território de Residência, Análise do Percurso Escolar, Experiência no Ensino Secundário e Expectativas Escolares e Aspirações Profissionais. Deste modo, a análise dos resultados seguirá a estrutura dos tópicos delineados.

1.1 Caracterização do Território de Residência

Começando pelo Território de Residência, de modo a facilitar a leitura dos resultados, segue-se um mapa com a zona de residência e as escolas que os jovens entrevistados frequentam, permitindo uma visualização dos locais e a sua proximidade.



Figura 1 - Mapa dos territórios de residência e escolas frequentadas pelos entrevistados

Fonte: Elaboração própria

O distrito de Santarém, conhecido como a “capital do gótico” devido ao seu património arquitetónico, localiza-se a 70 quilómetros de Lisboa e a 250 quilómetros do Porto. Devido à sua localização numa planície aluvial, tem grande potencial para a prática da agricultura e da pecuária, que se destacam como uma importante fonte de riqueza para a economia desta zona, a par da indústria da cerâmica, madeira, entre outras. Com uma enorme área territorial, este

distrito divide-se em 21 concelhos, que compreendem 191 freguesias. Dentro destes, e tendo em conta a residência dos entrevistados, Almeirim, que em 2021 tinha 22033 habitantes, emprega a maior parte da população no setor terciário, ligadas ao comércio, transportes e comunicações, assim como administração pública e serviços. Por outro lado, com uma população de apenas 6986 habitantes, em 2021, Alpiarça destaca-se pela passagem de várias linhas de água e solos férteis, sendo a maior parte da superfície agrícola ocupada por vinhas, destacando-se o setor primário como o mais importante na região. Por fim, Salvaterra de Magos, que em 2021 tinha 21632 habitantes, o setor secundário prevalece, nomeadamente a indústria de construção e obras públicas, produtos alimentares e madeira. Assim, o distrito de Santarém e os concelhos destacados, devido à sua localização e solos, são marcados por uma economia focada na exploração dos recursos naturais, ao nível das vinhas, do tomate, da madeira, entre outros.

Com esta análise, importa compreender se o discurso dos entrevistados vai de encontro a esta análise e de que forma é que estes caracterizam a zona de residência. Começando por Almeirim, é apresentada como uma cidade pequena, onde a exploração do campo entra em destaque. Não obstante, esta região também possui atrações históricas e culturais, que tentam dinamizar o espaço.

uma cidade pequena, é muito de campo, também é desenvolvida, mas também ainda vive muito à base do campo e vindimas (Entrevistada 7).

Paço dos Negros têm uma baixa densidade populacional, mas é uma aldeia histórica, tem marcos. O Pórtico de Paços Negros é um marco, eu não conheço bem a história, mas Ribeira de Muge havia aqui muitas coisas. (Entrevistado 6).

bastante pequeno. Eu acho que talvez o que eu fosse falar seria o Centro Cultural, que agora tenta fazer lá mais eventos. A Missão País veio cá este ano, acho que isso é o mais interessante que há. (Entrevistada 8)

Com apenas uma entrevistada a residir em Alpiarça, mas que passa mais tempo em Almeirim, devido à escola, esta região parece não ter muito a oferecer - *Acho que não tem muita coisa, só tem 3 cafés e um fechou agora, então agora só há 2. E casas, é só que tem. E a escola, do primeiro ao quarto ano e é creche. (Entrevistada 5)*

No concelho de Salvaterra de Magos, o Granho é visto como uma zona calma e segura, onde predomina o sentido de comunidade e família, contudo, é marcada pelo envelhecimento

dos espaços e pelo isolamento da população jovem, que não se sente atraída pelas ofertas de lazer que existem neste território.

uma terra muito bonita. É um pouco isolada, por causa dos transportes, não há quase variedade nenhuma de transportes. (...) Cafés há vários, mas só as pessoas mais velhas é que frequentam. Não há assim um ambiente muito juvenil ou apelativo para as pessoas da minha idade. E também as pessoas da minha idade, aqui na zona, nunca se vêem, estão sempre em casa. São espaços muito velhos, mas para as pessoas que lá vão está ótimo. (Entrevistada 1).

Mas no Granho, foi onde eu nasci, considero que seja uma comunidade muito unida. Eu cresci com pessoas, mesmo alguns anos mais velhos, que eu sei que vão estar lá para mim, para o resto da minha vida, tanto como os amigos dos meus pais e tudo mais. É aquela coisa, somos poucos, mas bons. São os 2 sítios (Granho e Mariniais) muito tranquilos e seguros e acho que até a nossa idade, até esta idade de 18 anos, quando somos menores, acho que é o mais importante. (Entrevistada 2)

Por último, na freguesia do Cocharro, valoriza-se a ligação com a natureza - *É muito calminho, não tem muito barulho. Vive-se muito com a natureza. (...) Mas pronto, convive-se muito com a natureza e é isso que acho mais interessante aqui e mais calmo (Entrevistado 3).*

Ao analisar os discursos acerca do território percebemos que, apesar de pertencentes a concelhos distintos, apresentam muitos traços em comum, como era expectável devido à sua baixa densidade populacional. As freguesias em estudo caracterizam-se pela sua pequena dimensão, assim como fraca oferta ao nível de instituições e serviços básico para a população, como sejam centros de saúde e escolas. Ao nível de ofertas de lazer, os cafés são referenciados em quase todas as localidades, sendo um pouco de encontro para a população mais velha, não sendo atrativo para os jovens, que quase não saem de casa. Acrescentando, que vêem no local de residência pouco sítio para conviver com os seus amigos, preferindo muitas vezes deslocarem-se para se divertir. Apesar da pouca oferta e atratividade, estes espaços são vistos como zonas seguras, onde domina o sentido de comunidade, família e liberdade, sendo o convívio e bem-estar com a natureza e com os animais valorizado por alguns dos entrevistados.

A análise das entrevistas vai de encontro à análise feita do território de Santarém, onde se dá destaque a elementos arquitetónicos assim como à exploração de culturas vinícolas. Para além disso, como referido na revisão literária, há uma marca de envelhecimento nestas freguesias, com o abandono da população jovem, que não vê nestas áreas fatores de atração ou oferta ao nível das suas necessidades (Mota, 2019).

1.2 Análise do Percurso Escolar

No que concerne ao percurso escolar, apesar das diferenças nas escolas frequentadas e nas mudanças que foram feitas ao longo do caminho, no geral, o percurso dos entrevistados é semelhante, marcado pelo sucesso académico, sem retenções ou abandono.

Começando pelas jovens residentes no Granho, das quais apenas duas frequentam escolas no concelho de Salvaterra de Magos, o percurso esperado para estes jovens, devido às ligações com o agrupamento, é fazer o 1º ciclo na Escola Básica do Granho, ingressar na Escola Básica de Marinhais e frequentar o ensino secundário em Salvaterra de Magos.

Ambas as entrevistadas frequentaram a Escola Básica do Granho mas, apesar do percurso que é esperado fazer, no caso da entrevistada 1, a estratégia familiar foi diferente, considerando que a irmã da entrevistada não teve uma boa experiência na Escola de Marinhais, os pais decidiram colocar a filha mais nova diretamente na Escola de Salvaterra de Magos, tendo realizado todo o seu percurso, desde o 5º ano até ao ano presente, 11º, na mesma escola.

Quando fosse a minha vez de ir que a minha mãe não cometesse o erro de me pôr na escola de Marinhais, para um futuro melhor. Depois, quando eu tive meninos de Marinhais da minha escola, realmente senti que a minha mãe fez muito bem em colocar-me em Salvaterra, porque depois então acabei por ir para Salvaterra, do quinto ano e até agora décimo primeiro. E vejo que a minha mãe tomou a melhor decisão, porque os meus amigos do décimo ano, no ano passado estavam mesmo muito perdidos na matéria de matemática. (Entrevistada 1).

O discurso da entrevistada 2, que realizou, de algum modo, o percurso expectável para quem reside nesta freguesia, vai de encontro a preocupações com a frequência da Escola de Marinhais, sendo que também ela destaca a falta de preparação que sentiu quando fez a mudança para o ensino secundário:

Então, eu tive 1 ano no Granho, na pré. (...) Mudei-me para a Glória, onde eu fiz desde o segundo ano de pré-escola até ao quarto ano. Mudei-me para Marinhais até ao nono ano, do quinto ano ao nono ano. E no décimo ano fui para Salvaterra onde estou até agora. (Entrevistada 2).

Não há professores, no nono ano não tive professora de Geografia, no sétimo ano, não tive professora de francês, também não tive de inglês (...) Então senti que não nos preparámos, sendo que os meus colegas que vieram de Salvaterra, estavam muito bem preparados. Preparados para tudo, coisas que nós não tínhamos, acho que nos faltava essa coisa. (Entrevistada 2)

O Entrevistado 3, destaca que fez um percurso tranquilo, adaptando-se sempre ao ambiente e às pessoas, realçando que conforme ia mudando de escola ia notando melhorias nas condições e nos recursos. A falta de oferta escolar no Cocharro fez com que andasse nas escolas das freguesias fronteiriças - *Andei na Escola do Granho até ao terceiro ano, depois fiz o quarto na Escola da Glória do Ribatejo. Do quinto ao nono fiz na Escola de Marinhais e depois fui para a Escola Profissional de Salvaterra. (Entrevistado 3)*

Já a experiência dos jovens em Almeirim, apesar de serem de freguesias diferentes acabaram todos por frequentar, na sua maioria, as escolas na sede do concelho, sendo o percurso expectável: *A primária, depois a Febo Moniz, que é onde se faz o 2º e o 3º ciclo e depois do 9º ano fui para o secundário. (Entrevistada 7)*. No geral todos eles referem algumas mudanças que deviam ser feitas ao nível das infraestruturas, mas consideram que são boas escolas e que tiveram sempre uma boa adaptação. Esta facilidade na transição pode também ter por base a relação que os professores dos diferentes ciclos têm entre si, como refere a entrevistada 8,

As professoras do básico e as do secundário e do 2º ciclo, elas costumam passar algum tempo juntas e normalmente nas horas de almoço até vão almoçar ao secundário, que é supostamente o que tem a melhor comida. E então elas conheciam-se todas, e acho que tinham métodos de ensinar bastante parecidos. E então a diferença não foi assim tão grande. (Entrevistada 8)

Contudo, apesar da boa relação com a escola e com os professores, é de apontar problemas ao nível da falta de docentes, que prejudica os alunos ao nível da aprendizagem e das notas

Em termos de infraestruturas, acho que precisavam de obras. Eu andei, na altura na Febo Moniz, e na altura eu achava um bocado má, mas aquilo agora está em obras e já está tudo como deve ser. (...) Há muitos bons professores, mas também há muita falta deles. Nós por exemplo tivemos esse problema com a professora de Físico-Química. Porque a antiga professora de Físico-Química, eu não tenho a certeza, mas disseram que ela teve cancro, e ela ficou de baixa e veio uma professora nova. E ela, passado pouco tempo, recebeu uma proposta e foi para Timor, e ficámos sem professor. E era um bocado mau porque era ano de exames e metade da turma ia fazer exame a Físico-Química, mas só que ao fim de menos de um mês arranjam professora. (Entrevistada 8).

De um modo geral, as escolas das freguesias do concelho de Salvaterra de Magos necessitam, de acordo com os discursos, de bastantes melhorias, não só ao nível da infraestruturas como ao nível de recursos que têm para oferecer aos estudantes. Apesar de notarem diferenças conforme vão mudando de ciclo, com mais oferta e mais recursos docentes

e materiais, as escolas deste concelho, à exceção da que se localiza na sede, precisam de melhorias e de maior apoio estatal para poderem suportar as necessidades dos estudantes. Já em Almeirim, destaca-se algumas das estruturas físicas e a falta de professores, que levou a algumas dificuldades de aprendizagem, apesar disso foi destacado a sua oferta curricular e, inclusive, a oferta extracurricular da escola secundária. Os entrevistados tiveram um percurso linear, marcado pelo sucesso académico, sem retenções ou abandono, apesar de alguns problemas de adaptação, principalmente ao nível do estudo, onde sentiam uma falta de preparação aquando da mudança de ciclo e na entrada para uma escola de ensino secundário, fator também devido à pandemia. De realçar que sentiram que o seu trajeto também foi prejudicado pela ausência e falta de professores. Não obstante, nenhum destes fatores foi um entrave para o seu sucesso e para as suas ambições.

1.3 Experiência no Ensino Secundário

No que concerne ao ensino secundário, à exceção do Entrevistado 4, que frequenta o curso de Eletrónica na Escola Profissional de Salvaterra de Magos, todos os entrevistados frequentam cursos no ensino regular. Contudo, é possível distinguir os que se encontram satisfeitos com o curso e os que não estão satisfeitos, ou contentes com a escolha, mas decidiram permanecer até ao fim do secundário.

Porém, antes de analisar as escolhas e motivações, importa observar os discursos dos jovens ao nível da descrição das escolas que frequentam, de modo a perceber que oferta é que estas escolas têm, o que é que oferecem aos estudantes e quais as suas condições.

Deste modo, a escola de Salvaterra de Magos é apresentada como uma boa escola, com bastante oferta de cursos e disciplinas, assim como programas de mentoria e de envolvimento entre os estudantes dos diversos ciclos.

Eu acho que é uma escola boa. Eu gosto da escola. Nunca estudei numa, por exemplo, em Lisboa ou no centro, no centro urbano, para comparar as diferenças. Mas eu acho que a Salvaterra é uma escola, é uma escola boa, os professores obviamente que depende de pessoa para pessoa. (Entrevistada 1).

Não obstante, e numa perspetiva que deteta algumas falhas e realça alguns pontos que a escola tem a melhorar, considerando que é uma escola que engloba todos os ciclos de estudo, é

necessário um acompanhamento destes estudantes para que se consigam adaptar a um convívio com diversos ciclos e idades, acrescentando ainda a necessidade contínua de manutenção, considerando o número de salas, blocos e casas de banho que são necessários para suportar estes estudantes,

Tem também a questão que é uma escola desde o primeiro ano até ao 12º ano, que tem suas coisas boas e as coisas más. Ninguém se diverte muito a aturar crianças aos berros, mas acho também importante para eles porque tem toda aquela questão do exemplo, nós temos os programas de mentoria, que eles podem chegar ao pé de nós e fazer perguntas. Acho que isso é importante. Mas claro que também há falhas em Salvaterra, eu fui delegada estes 3 anos, e nós íamos aos Conselhos de Delegados e tínhamos sempre as mesmas queixas, as casas de banho não davam para fechar, são coisas que são básicas, direitos que nos têm de ser dados e não temos. (...) Mas pronto, temos melhores condições em tudo o que é projetores e equipamentos (Entrevistada 2)

Também na Escola Profissional de Salvaterra de Magos, onde o entrevistado não se encontra satisfeito com o curso, é salientada a dimensão da escola e a qualidade do ensino, *A escola é muito pequenina. Em termos de ensinamento e dos professores, não acho lá grande coisa. Eu não estou, não estou a gostar muito, mas pronto. (Entrevistado 3).*

Já em Almeirim, à parte das melhorias ao nível da infraestrutura, os entrevistados não reconhecem falhas na escola.

Ao nível de oferta, ambas as escolas secundárias oferecem os cursos de ensino regular e variados cursos profissionais, contudo, os entrevistados destacaram alguns problemas ao nível da escolha de disciplinas e mesmo ao nível da oferta de cursos, que por vezes leva a optar por escolas mais longes, devido à falta de oferta nas escolas mais perto da residência, começando pelo exemplo do curso regular de Economia, na Escola Secundária de Salvaterra de Magos, que só abriu no passado ano letivo

Quando entrei para o décimo ano, acho que foi o primeiro ano que abriu ciências socioeconómicas, ou seja, a minha turma é tipo a pioneira nesse curso. Só havia em Benavente.” (Entrevistada 1).

Na oferta profissional, na secundária de Salvaterra de Magos - *há turismo, há muitos, não sei de cor. (Entrevistada 1).* E na Escola Profissional de Salvaterra de Magos, *Tem informática, tem cozinha, comunicação e acho que só isso. Acho que não tem muitos mais. (Entrevistado 3).*

A Escola Secundária Marquesa de Alorna, em Almeirim, para além dos cursos regulares, *Tem os de Desporto, de Informática, Gestão de Equipamentos Informáticos, Ação Educativa e Proteção Civil. Acho que é tudo. E também Multimédia. (Entrevistada 6).*

Apesar do vasto número de cursos, em termos de oferta curricular são relatadas algumas falhas, que levaram a alguma insatisfação e entraves,

E eu escolhi História B porque era o que me parecia mais fácil. Também sabia que o meu professor de Geografia ia ser o mesmo, é uma excelente pessoa, mas em termos da matéria é um bocado secante. E a escola só ofereceu mesmo a Geografia A, não sei se porque a maioria escolheu a Geografia ou se mesmo a escola não tem professores de História B. (Entrevistada 1)

As opções eram TIC, Psicologia, uma das línguas, acho que era Francês, Geografia C, Ciência Política e outra coisa qualquer, e não abriram. Eu queria ir para Inglês e Psicologia, não tive o que escolher, tive de ir para Inglês e Ciência Política, o que me baixou a média imensamente (Entrevistada 2)

A nível de ensino e de professores, na sua maioria encontram-se satisfeitos, à exceção de algumas disciplinas onde tiveram falta de acompanhamento e muito tempo sem aulas, mas, no geral, concordam todos que *Há uns menos bons, uns melhores, uns que apoiam mais outros que que pronto a matéria é um bocado, a gente que aprenda. (Entrevistada 1).*

No que concerne à transição, apesar de já ter sido referenciado no tópico anterior, é de destacar, ao nível do ensino secundário, o efeito que a pandemia deixou em alguns jovens,

Não houve nenhuma diferença muito grande e eu acho que estávamos todos um bocado mal preparado. Porque passámos o terceiro ciclo em Covid. Estávamos em casa e então, por exemplo, as específicas, eu fui para físico-química e biologia. Eu arrependo-me de ter ido para físico-química porque só tivemos quando estávamos em quarentena e então foi um bocado, cheguei lá e acho que não sabia nada, a única coisa que eu me lembrava era tipo a parte da eletricidade e já era com sorte. E então acho que estávamos um bocado, todos perdidos nessa parte. (Entrevistada 11).

Outro dos entraves a destacar, que também acabou por ter influência, na escolha do curso e da escola, remete para a falta de transportes, o valor mensal do passe e o tempo de deslocação. Muitos jovens acabaram por optar pela escola secundária mais perto da residência porque a deslocação para zonas mais distantes implica mais custos e maior perda de tempo, mesmo que isso tenha significado a escolha por cursos que não pretendiam seguir.

É assim, não temos muitas hipóteses para ir para outra escola. Ok, podemos ir para Benavente, podemos ir para Santarém, muito tempo autocarro, mas nem é só isso, nós temos que pagar o passe. Eu queria ir para Benavente porque Línguas e Humanidades tem a disciplina de Literatura aberta, eu queria muito ir. Eu tinha amigos meus que eles também têm o Direito aberto. Nós queremos muito ir, mas são 40€ por mês que pagávamos de passe, mais alimentação, a perda de tempo que teríamos, não nos compensava. Não tínhamos muita hipótese. (Entrevistada 2)

Mas de Almeirim para as Fazendas não há autocarro às 16h. E então, às vezes ou eu tenho de sair mais cedo das aulas para apanhar o das 15h ou tenho que ficar mais 1 hora e tal lá, porque só há às 17h. (Entrevistada 5)

Acrescentando que a falta de oferta dos transportes são apresentados como um constrangimento também para as famílias, visto que sem falta de opções têm de se servir do transporte próprio para a deslocação dos filhos para a escola, ficando ambos os lados dependentes dos horários escolares e laborais, *Não há autocarros do Frade para Almeirim. Normalmente o meu pai ou o meu avô levam-me. (Entrevistada 6)*

Os transportes também são uma preocupação devido à dependência dos escassos horários, existindo em alguns casos apenas um horário de manhã e um de tarde, o que leva a que tenham de ficar horas na escola sem aulas, o que pode levar a aventuras, visto que se encontram sem qualquer vigilância

Se quiser ir de manhã para a escola, tenho que apanhar aquele autocarro e se não apanhar aquele já não há mais nenhum. (Entrevistada 1).

Só tens 3 autocarros para sair do Granho, que é o das 7h40, do 12h30 e das 19h30, é completamente ridículo. Eu ficava 3h na escola, sem fazer nada, porque não tinha maneira de vir: (...) Quando uma pessoa está no 10º ano é uma coisa, agora os putos, porque há muitos que já não foram para Marinhais porque os pais os quiseram meter diretamente em Salvaterra, o que eu acho que faz completamente sentido, mas putos do 5º e 6º ano a apanharem o autocarro a essa hora, para ficarem 3h sem fazer nada, é um bocadinho perigoso, não é para todos. (Entrevistada 2).

Falando agora das motivações e das escolhas do curso, os principais motivos apresentados são o gosto pela área e menos apreço pelas restantes, acabando por ser uma questão de exclusão de partes,

Gosto de matemática e ciências, biologia e físico-química. Não gosto de história nem de línguas nem de artes. (Entrevistada 4)

Porque, desde pequena, queria ser, e quero, ser professora do 1º ao 4º ano. E humanidades acho que era o curso em que eu mais me identificava para tirar o que eu queria, quero. (Entrevistada 5)

Não era bem por gostar, era mais por não gostar do que estava nos outros. Não gostava nada de letras. (Entrevistado 6).

Alguns discursos são marcados pela indecisão, sendo influenciados por motivações externas que os levam a decidir o seu caminho, neste caso a família e a questão dos transportes

Eu inicialmente estava indecisa entre ir para Ciências ou para Humanidades. Porque eu gostava de certas partes das ciências, mas a parte das línguas sempre foi algo que me chamou muito a atenção e sempre foi algo que eu gostava muito. (...) E depois eu estava a dizer que estava com essa dúvida e a minha mãe, disse, “Eu se fosse a ti ia para Ciências porque tem mais saídas em termos de emprego”. É mais abrangente. Então foi por isso. (Entrevistada 11)

Eu estava um bocado indecisa entre Humanidades ou Economia, mas se eu escolhesse Economia tinha de ir para Benavente e tinha de pagar passe de novo. Então, quando descobri que Economia ia abrir na minha escola, e também gestão sempre foi uma área que me interessou e com a economia poderia facilmente ir para a faculdade de gestão, então optei por ir para ciências socioeconómicas ali em Salvaterra.

Outra das questões que se colocou a muitos dos entrevistados foram as saídas profissionais, principalmente os jovens que optaram pelo curso de Ciências e Tecnologias, que consideraram ser o curso que proporciona mais oportunidades no futuro: “Porque eu acho que é o que tem as melhores saídas profissionais.” (Entrevistado 6); “Porque é o curso que dá mais saídas e porque tinha Biologia.” (Entrevistada 7).

A par da saída profissional, apesar da entrevistada que apenas foi desenvolvendo o gosto pela Gestão e Economia ao longo dos anos, a realidade é que o negócio de família e a profissão dos pais surge no seu discurso como um fator que, inconscientemente, teve influência nos gostos que foram adquiridos, *Mas eu gostava de matemática e também os meus pais têm uma empresa, se bem que nunca foi minha intenção tipo segui-la, mas eles têm uma empresa. (Entrevistada 1).*

Também os professores têm um papel nas escolhas, *Acho que quando andei em Almeirim, do 1º ao 4º ano, eu gostei muito da minha professora e senti que era aquilo que eu queria fazer. (Entrevistada 5).*

Por último, um dos fatores referidos, que ajudou a encaminhar para as aspirações futuras, foi a tradição, neste caso, a entrevistada pretende seguir Biologia Humana e destaca a curiosidade que sempre teve em perceber como funcionava o sistema humano, tendo sido despertado por tradições familiares a que assistia com a família, notando-se de algum modo a influência da zona em que reside e as suas tradições

Sim, o meu avô todos os anos faz e o ano passado gostei muito porque estive a ajudar na parte do talhante, para aprender mais também sobre os órgãos e como é que funcionam, porque dizem que o porco é muito parecido com o ser humano. Só ajudei o ano passado, antes não me deixavam, só via (Entrevistada 7).

Apesar de alguns arrependimentos, e de pensarem em fazer mudanças, os entrevistados decidiram permanecer nas opções que escolheram até ao fim, mesmo não pretendo utilizar o curso no futuro

Pensei, pensei. Pensei bastante. Arrependo-me, mas ao mesmo tempo quero ver até onde é que eu consigo chegar. Eu acho que escolhi Ciências, preferia ter ido para Humanidades, mas quero ver o que é que eu consigo fazer continuando com ciências, acabando com ciências, as oportunidades que me aparecem estando em Ciências. Quero ver o que é que me levou a escolher Ciências em si. Porque eu acho que é tipo, eu tinha posto na cabeça que queria ir para Humanidades, falaram-me em Ciências e Humanidades desapareceu da minha cabeça, só pensava em ciências. Então eu acho que quero perceber porque é que isso aconteceu. (Entrevistada 8)

Já, já passou várias e várias vezes. Mas agora, neste momento, não compensa estar a andar para trás. Porque já estou, já estou no 12º praticamente e não vou, não compensa (Entrevistado 3)

De um modo geral, a experiência dos entrevistados no ensino secundário é, até agora, satisfatória, apesar da relação com algumas disciplinas e professores. A opção pela escola esteve por vezes dependente de fatores externos, como o transporte e a oferta curricular, mas a seleção do curso parece motivada por gosto individual, pela oferta ao nível profissional e pelo apreço por certas disciplinas e áreas. A dificuldade na escolha é muitas vezes rematada com a ajuda familiar. Contudo, mesmo os que se encontram descontentes e não pretendem usar o curso no futuro, tomaram a decisão de não recuar e de aceitar o seu percurso.

1.4 Expectativas Escolares e Aspirações Profissionais

Analisando a última categoria, as expectativas escolares e aspirações profissionais, vemos, na generalidade, percursos de ascensão, relativamente às famílias, com vontade de continuar os estudos e ingressar em profissões na área de estudos. Relativamente ao território, tendo em conta a falta de oferta, muitos referem a necessidade de sair da zona para seguir os seus objetivos. Contudo, todos referem a facilidade com que regressariam, muitas das vezes pelos laços familiares.

Pormenorizadamente, a entrevistada 1 e 2 têm percursos e perspetivas semelhantes, dentro de trajetos diferentes. Ambas residentes no Granho, e a estudar em Salvaterra de Magos, pretendem ingressar numa faculdade, dentro e fora do país e ainda, influenciadas por um programa escolar que frequentaram, fazer carreira na União Europeia. Assim, a entrevistada 1, que se encontra no curso de Economia, afirma:

Eu gostava de estudar em Lisboa ou no Porto. Eu gosto muito do Porto, Lisboa pronto é aquela coisa, eu posso ir todos os dias, enquanto o Porto não, e eu gosto muito do ambiente. Depois vejo-me numa Faculdade de Gestão, um curso de Gestão, talvez. (...) O meu objetivo sempre foi o Parlamento Europeu, não sei ao certo o que é que eu gostaria de fazer lá, mas só objetivo de ir para lá já me cativa bastante (Entrevistada 1).

Por exemplo, em Lisboa, eu gostava de ir para a Clássica, ter de pagar um apartamento nessa zona também está muito fora do alcance. As propinas até não estão assim tão más, pagar 600€ por ano não é mau, de propina. Mas está um bocadinho irrealista. Então eu decidi, os meus pais são emigrantes, a minha mãe é imigrante aqui em Portugal, o meu pai está emigrado fora, e eu decide que para o meu futuro eu prefiro emigrar, prefiro estudar fora. (...) Acabei por decidir ir para Holanda e que queria ir trabalhar para a União Europeia, por causa de uma palestra que nós tivemos, tivemos no 11º e no 12º ano. (...) E acho que é uma ótima oportunidade para alguém como eu, e já que em Portugal está tão difícil (Entrevistada 2).

De forma semelhante, a entrevistada 4 e 5, no curso de Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades, respetivamente, pretendem ir para um curso superior e ingressar no mercado de trabalho, preferencialmente fora da zona residencial

Quero ir para a universidade. Ainda não sei bem, ainda estou indecisa nos cursos. Mas sim, quero ir para algum lado. Eu pensei, por exemplo, na Covilhã porque é assim sossegadinho. Tipo Lisboa é muito agitado, os preços também não acho que

vale a pena. Queria assim mais sossegado. (...) E o trabalho que eu quero que é, por exemplo, laboratório, tinha de ser em sítios com mais oferta (Entrevistada 4)

Eu estava a pensar em Santarém, por ser mais perto, não gastava dinheiro com um quarto. Mas também já tive a ver opções fora (Entrevistada 5).

O entrevistado 3, que frequenta o curso de Eletrónica, pretende fazer um curso de Ciências e Tecnologia no ensino regular e eventualmente trabalhar com animais, influenciado em parte pelo apreço pelo rural. Apesar de já ter pensado ir para fora considera que é difícil por causa da família, pretendendo, portanto, trabalhar na zona, *eu vejo-me a trabalhar aqui. (...) Já pensei, mas foi em sair do país, mas é um bocado complicado. Ainda não sei bem (Entrevistado 4).*

O outro entrevistado do sexo masculino, que frequenta o curso de Ciências e Tecnologia, pretende ingressar no ensino superior, em Lisboa, apesar de não ser a sua preferência, e, a nível de trabalho, pretende procurar as melhores ofertas, não ficando na zona de Almeirim

Eu acho, tenho quase a certeza, que vou seguir para Engenharia Informática e de Computadores. (...) Se fosse por Lisboa acho que até preferia nem ir, é mesmo por causa de ser o Técnico, a escola das engenharias. Mas sinceramente, se essa escola estivesse noutra sítio eu acho que não preferia Lisboa em relação a outros sítios. (...) Eu gostava do Reino Unido, mas ainda não pesquisei muito bem acerca do uso dos cursos que eu vou tirar nas diferentes regiões. Mas também pode variar muito consoante isso (Entrevistado 6).

A entrevistada 7, atualmente a frequentar o curso de Ciências e Tecnologias em Almeirim, tendo em conta a especificidade do curso que pretende ingressar, terá de estudar fora do concelho de Santarém

Em Évora porque é o único sítio que tem Biologia Humana e Biologia Humana porque eu sempre gostei muito da parte de autopsias e de investigações criminais. Então, como eu não tenho média para ir para Medicina vou para Biologia Humana, que a média é mais baixa (Entrevistada 7).

A nível de trabalho, pelo seu cariz laboratorial, não tem uma ideia concreta, mas considera a possibilidade de sair do país e, certamente, do distrito,

Eu não sei se pretendo viver aqui ou não, porque a situação do país está bastante complicada, principalmente para os jovens, então não sei muito bem. (...) Não sei,

dizem muito que quem vai para Évora gosta de lá estar e há muitos que ficam lá por isso não sei (Entrevistada 7).

Por fim, a entrevistada 8, atualmente no curso de Ciências e Tecnologias, tem perspetivas de futuro ambiciosas, mas ainda não tem um curso definido

Não sei muito bem o que é que eu vou fazer ainda, nem que curso é que eu vou seguir, estou indecisa entre alguns e também há o problema todo das médias, posso não ter média para entrar. Mas sim, quero tirar um curso. Talvez tirar um mestrado, depende do curso que eu tirar. E espero trabalhar na área que eu tiro o curso (Entrevistada 8).

Ao nível do trabalho, não tem problemas em ir para fora do país ou em ficar na zona, mas, considera que experimentar coisas e sítios novos é benéfico para o crescimento individual

Não me oponho a vir trabalhar cá. Eu só não quero é limitar os meus pensamentos a ser sempre “Eu tenho que ficar ali, porque ali está minha família, é ali que eu cresci e ali é que eu conheço tudo”. Não. Eu quero pensar “Há mais sítios para além de Santarém. Portugal é grande. Há mais sítios que dá para tu ires”. Então não quero focar-me só em procurar algo aqui, quero procurar algo em todo o lado. Depois, se a oferta que eu achar que for melhor, ou que me seja mais atrativa, ou se eu tiver assim tantas saudades de casa que eu queira voltar, eu volto. (Entrevistada 11).

Analisando as perspetivas de futuro dos entrevistados é de destacar a sua vontade de estudar e de trabalhar na área que gostam e de acordo com o curso que estão a tirar, na maioria das vezes. Contudo, para prosseguir os estudos a maior parte dos jovens vê-se a estudar fora do distrito de Santarém, apesar de também ter oferta ao nível do ensino superior, sendo que Lisboa e Porto também não são a opção de excelência, pela sua confusão e densidade, sendo interessante observar como a calma a que estão habituados tem uma influência nas escolhas,

Acho zonas interessantes, também depende da zona onde a pessoa vive, mas é sempre bastante confusão, em termos de pessoas e de transportes públicos. É tudo ao molho e fê em Deus e cada vez há mais pessoas nessas zonas então (Entrevistada 7).

Ao observar a tabela 2, que resume as expectativas académicas e as aspirações profissionais destes jovens, é de destacar que são as jovens que estão atualmente no curso de Línguas e Humanidades que maior indecisão têm sobre o seu futuro, comparativamente aos que frequentam Ciências e Tecnologias. Ainda de realçar que

apenas dois entrevistados planeiam o futuro académico no distrito de Santarém, acrescentando que não se vê Lisboa como maior opção. Ao nível profissional, observa-se a perspetiva de emigração em maior conta, devido principalmente à atual situação do país. Os restantes, devido à especificidade do local onde pretendem trabalhar, como os hospitais e laboratórios, também se vêem obrigados a sair da zona de residência, devido à falta de oferta ao nível de mercado de trabalho.

Tabela 2 - Expectativas académicas e aspirações profissionais dos entrevistados

Entrevistados	Concelho de Residência	Curso Atual	Expectativas Académicas	Aspirações Profissionais
Entrevistada 1	Salvaterra de Magos	Economia	Gestão ou Economia, Lisboa ou Porto	Parlamento Europeu
Entrevistada 2	Salvaterra de Magos	Línguas e Humanidades	Curso por definir, Holanda	União Europeia
Entrevistado 3	Salvaterra de Magos	Eletrónica	Curso regular de Ciências e Tecnologia, Salvaterra de Magos	Por definir, relacionado com animais
Entrevistada 4	Salvaterra de Magos	Ciências e Tecnologia	Por definir, Covilhã	Laboratório
Entrevistada 5	Alpiarça	Línguas e Humanidades	Curso por definir, Santarém	Por definir
Entrevistado 6	Almeirim	Ciências e Tecnologia	Engenharia Informática, Lisboa	Engenharia Informática no Reino Unido
Entrevistada 7	Almeirim	Ciências e Tecnologia	Biologia Humana, Évora	Hospital
Entrevistada 8	Almeirim	Línguas e Humanidades	Por definir	Por definir

Fonte: Elaboração própria

O percurso destes jovens, comparativamente ao nível de escolaridade dos pais, é marcado, em certa medida, por um caminho de ascensão. Observando a tabela 3, do total de entrevistados, apenas três têm a mãe com um grau de ensino superior e apenas uma entrevistada tem os dois progenitores com ensino superior concluído, neste sentido, nota-se a diferença entre as gerações e a vontade de ir mais longe, por parte dos jovens. É também de salientar que esta diferença é mais substancial no distrito de Salvaterra de Magos, onde se verifica um nível de escolaridade bastante reduzido, com apenas três progenitores com o ensino secundário concluído. Já no concelho de Almeirim, a maioria dos pais concluiu o ensino secundário e, inclusive, o ensino superior. Esta diferença entre concelhos é um ponto interessante a explorar, tendo em conta que, pela sua proximidade, era expectável que a diferença não fosse acentuada, importa por isso compreender a diferença da geração dos pais, ao nível dos estudos.

Tabela 3 - Escolaridade e profissão dos pais dos entrevistados

Entrevistados	Concelho de Residência	Escolaridade da mãe	Profissão da mãe	Escolaridade do pai	Profissão do pai
Entrevistada 1	Salvaterra de Magos	11º	Administrativa	6º	Operador de máquinas
Entrevistada 2	Salvaterra de Magos	11º	Cozinheira	4º	Hotelaria
Entrevistado 3	Salvaterra de Magos	12º	Administrativa	9º	Canalizador
Entrevistada 4	Salvaterra de Magos	12º	Conta própria	12º	Fábrica
Entrevistada 5	Alpiarça	12º	Auxiliar de Fisioterapia	12º	Construções
Entrevistado 6	Almeirim	Licenciatura	Professora	9º	Conta própria
Entrevistada 7	Almeirim	Mestrado	Turismo	12º	Marinheiro
Entrevistada 8	Almeirim	Licenciatura	Team Leader	Licenciatura	Chefe de produção

Fonte: Elaboração própria

De modo conclusivo, é de notar a vontade que estes jovens têm em prosseguir os estudos e ingressar no ensino superior, independentemente de ainda não terem um curso definido, sabem que querem tirar, pelo menos, uma licenciatura. Estes jovens têm também a consciência e a vontade de ir para fora, tanto do concelho como do país, no sentido de explorarem novas oportunidades e terem experiências diferentes, juntando à questão financeira. Por outro lado, a questão financeira apresenta-se como um entrave aos seus objetivos, sendo que essa consciência também acaba por influenciar a escolha, preferindo ir para fora do que para um centro urbano denso e caro, como foi dado o exemplo de Lisboa. Não obstante à vontade de ser e querer mais, é de notar o sentido de comunidade e familiaridade, visto que, apesar da preferência por sair do concelho e procurar melhores ofertas e dinamismo, os entrevistados referem que, se tiverem alguma necessidade de ficar ou regressar para a zona de residência adaptar-se-iam a essa realidade sem problemas, apesar de não ser o ideal. Estes jovens referem, que mesmo ao nível do trabalho, com as qualificações que pretendem adquirir, a oferta do mercado de trabalho na zona não os permite ficar visto que não existe oferta nas áreas que procuram seguir, deixando o exemplo dos laboratórios, hospitais e mesmo ao nível das engenharias.

IV. Conclusões

De que modo é que a residência em territórios de baixa densidade afeta as expectativas escolares e as aspirações profissionais dos estudantes do ensino secundário? Numa tentativa de resposta à questão de partida, com recurso à revisão literária e à análise de conteúdo das entrevistas realizadas, importa destacar diversos tópicos que influenciam esta relação.

Começando pelo território, existe uma diferença entre viver num centro urbano e num território de baixa densidade. Como referido na revisão literária (Mauritti et al, 2019), o nosso país apresenta uma grande heterogeneidade regional, opondo-se o Norte, Sul, Litoral e Interior, cada um com a sua realidade e características. A evolução e a modernização, levaram a uma concentração excessiva de população no litoral, a grandes fluxos populacionais e congestionamento de tráfego, caracterizando estas regiões pelo desordenamento e poluição. Já o interior, mantêm e conserva o seu património natural e cultural com um nível de vida mais próximo da natureza e da comunidade, mas onde os empregos são escassos e o acesso à educação, cuidados de saúde e outros serviços, são reduzidos e caros.

A caracterização que os entrevistados fizeram das suas zonas de residência evidencia exatamente esta diferença, comprovando que os territórios de baixa densidade carecem de população e de oferta ao nível de serviços, como seja centros de saúde ou mesmo atividades de lazer. Contudo, destacado como ponto positivo em relação a territórios de alta densidade, prevalece a calma, a segurança, a ligação com a natureza e o sentido de comunidade, fazendo com que a mudança para a cidade pareça muitas vezes um choque, pelo ruído e distanciamento entre a população.

Ao nível de oferta escolar, a maior parte das freguesias assegura apenas a escolaridade básica, marcada por falta de recursos e pela gestão que os professores têm de fazer face a um tão reduzido número de alunos, sendo que os restantes ciclos vão, progressivamente, enviando os jovens para as escolas que se encontram na sede do concelho, aqui marcadas por mais oferta, mais condições e mais recursos, seja ao nível de infraestruturas, material, disciplinas, clubes, docência e apoio ao nível psicológico. Assim, como referido em Cordeiro et al., 2016 e Lima e Torres, 2020, por um lado, este ponto é positivo, visto que as escolas com poucos alunos carecem de recursos e não preparam os alunos ao mesmo nível, mas por outro lado, a influência

da estrutura e da visão do meio urbano na organização dos agrupamentos e escolas acaba por desvirtuar as regiões de baixa densidade.

Apesar da oferta escolar obrigar os estudantes a uma constante mudança de escola, sobretudo no concelho de Salvaterra de Magos, os jovens sentem que tiveram um percurso de sucesso, sem problemas de transição, adaptando-se sempre ao meio, às pessoas e aos professores. Contudo, um dos principais entraves colocados na realização dos objetivos pessoais de cada jovem passa não só pela disponibilidade das famílias, nomeadamente a nível financeiro, como também pela questão dos transportes. Na procura do curso ou da escola de preferência é notável a consideração pela distância, custo dos transportes e custo a nível de tempo, sendo que muitas vezes, apesar de não ser a escolha de preferência, os estudantes sujeitam-se às opções que têm na área devido à falta de meios de transporte público que os levem para fora do concelho. Para além disso, a pandemia e a falta de professores até à conclusão do 9º ano levou a que alguns não se sentissem tão preparados para algumas disciplinas, provocando algumas dificuldades de início do secundário. De referir que muitas vezes os professores destacados para estas escolas, desde o 1º ciclo ao secundário, vivem a grandes distâncias da escola, levando a que “a dificuldade na acessibilidade faz com que a maioria dos efetivos, que aí estão por “azar de concurso” procure um destacamento ou a mudança de escola ao abrigo dos mais variados motivos” (Sebastião, João et al., 1994: 51), fazendo com que seja necessário a mudança e procura constante de professores, “o que não favorece nem o investimento pedagógico nem o conhecimento do meio em que a escola se integra, aumentando, assim, o efeito de rutura cultural entre escola e aluno/família” (Sebastião, João et al., 1994: 51). Já no ensino secundário, a fraca oferta de cursos, mas, sobretudo, a falta de oferta ao nível curricular, que evidencia que as ofertas não são universais e estão “desigualmente distribuídas pelo território nacional” (Vieira, 2016: 4), levou a algumas insatisfações e inclusive a médias mais baixas devido ao insucesso nas disciplinas que foram obrigados a escolher, por falta de opção.

Importa ainda referir o efeito que a baixa oferta escolar tem também nas famílias. Mesmo 15 anos após a instituição da escolaridade obrigatória nos 12 anos e o investimento que tem vindo a ser feito em programas de educação ao longo da vida, os jovens destas zonas ainda vêm de famílias com baixa escolaridade, sendo que existe uma grande diferença mesmo entre concelhos.

Não obstante, os entrevistados consideram que o ensino secundário tem o que eles precisam para concluírem e prosseguirem com os seus estudos, com professores tanto bons como maus. Na sua maioria, os estudantes encontram-se no curso de Ciências e Tecnologias, seguido de Línguas e Humanidades, selecionados por gostos pessoais, devido ao curso que querem seguir depois, influenciados por terceiros e, sobretudo para quem escolheu Ciências e Tecnologias, pelo prestígio do curso e pelo leque de oportunidades que potencia no futuro, revelando, como referido na revisão literária, que a importância que é dada às diferentes áreas de estudo destaca o desigual valor das opções de formação e faz com que a escola seja um mercado onde se fazem escolhas mais ou menos vantajosa (Huteau, 1992 citado por Mateus, 2002).

No que concerne ao seu futuro, apesar de muitos dos entrevistados ainda não terem pensado num futuro a longo prazo, a maioria pretende ingressar no ensino superior e exercer a profissão na área escolhida. Apesar da existência de oferta de ensino superior em Santarém, o distrito mais perto em termos de deslocação, a maior parte dos jovens pretende ir para mais longe e inclusive para fora do país, muitas das vezes pela especificidade do curso que pretendem seguir, que só existe em algumas faculdades. Ao nível do mercado de trabalho, devido à baixa oferta e à fraca diversidade de mercado nos territórios onde vivem; considerando que as zonas rurais são marcadas por uma cultura de emigração substancial; tendo em conta as experiências que vêm nas suas famílias e ao seu redor; e face à situação do país ao nível de economia e oferta para os jovens, muitos vêm a emigração como uma opção, não só pela questão financeira como para ter experiências diferentes e conhecer o mundo. Também a saída para outras regiões do país é vista como uma solução, onde há mais oferta, dinamismo e diversidade, mas que não seja marcado pelo constante fluxo de população e transportes, inclusive Lisboa não é vista como a zona mais atrativa para estes jovens.

Retomando a questão de partida, a relação da educação com os territórios de baixa densidade afeta as expectativas escolares e as aspirações profissionais destes jovens, moldando as suas escolhas, pelas vivências que têm ao longo do seu crescimento, pela oferta a que os limitam, pelos entraves que colocam ao nível da deslocação, mas, sobretudo, pela qualidade de ensino a que são submetidos, marcada por falta de recursos das escolas, de oferta, estruturas e material e também da docência. Estes territórios têm falta de escolas, obrigando os jovens a encaminharem-se para a sede de concelho e a optarem por opções que não são da sua preferência, devido a questões financeiras e de deslocação. O problema da educação é um

problema nacional, que passa pela melhoria da oferta, pelo investimento nas escolas, de forma igualitária, e pelo reforço da docência, que prejudica muitas vezes o percurso destes jovens.

O combate à disparidade entre regiões, passa pelo investimento na educação e qualificação da população rural, que ainda não é generalizada, procurando políticas e investimentos que tornem estas regiões dinâmicas e competitivas, de modo a reter estes jovens, que aqui se formam e qualificam, evitando, ou reduzindo, o êxodo rural. A falta de oferta profissional, que corresponda aos cursos que estes jovens pretendem tirar, é um dos maiores obstáculos à sua permanência nestas zonas. Considerando que procuram licenciarem-se e obter boas qualificações, pretendem, como qualquer um, procurar empregos que coloquem à prova as suas aprendizagens, mas que sejam também justos ao nível dos salários.

O desenvolvimento deste estudo permitiu compreender quais as principais motivações e objetivos dos jovens residentes em zonas de baixa densidade, que são iguais a qualquer jovem que resida num centro urbano. Contudo, comparativamente, a ligação com o território, a ligação com a família, as fracas ofertas ao nível educativo e ao nível do emprego, assim como a fraca ligação viária entre freguesias, distritos e concelhos, são variáveis que estes jovens têm em conta na seleção de cada passo do seu trajeto futuro.

Para futuras investigações, importa não só conhecer os jovens, como as suas famílias, os professores, diretores escolares e inclusive presidentes das juntas de freguesia, de modo a compreender que impacto é que estes consideram ter nos jovens e que medidas procuram para satisfazer as suas necessidades.

V. Fontes

Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14, Lei n.º 46/86, de 14 de outubro.

Porto Editora – *Almeirim* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-09-22 22:34:35]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$almeirim](https://www.infopedia.pt/$almeirim)

Porto Editora – *Alpiarça* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-09-22 22:32:26]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$alpiarca](https://www.infopedia.pt/$alpiarca)

Porto Editora – *Salvaterra de Magos* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-09-22 20:55:06]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$salvaterra-de-magos](https://www.infopedia.pt/$salvaterra-de-magos)

Porto Editora – *Santarém* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-09-22 20:38:08]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$santarem](https://www.infopedia.pt/$santarem)

VI. Referências Bibliográficas

Abrantes, Pedro (2022). Educação e Classes Sociais em Portugal: continuidades e mutações no século XXI. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 99, pp. 9 – 27.

Álvaro, Júlio (2013). *Educação em territórios de baixa densidade: ensino profissional e desenvolvimento: o caso da beira interior norte*. [Dissertação de mestrado em Geografia Humana, Universidade de Coimbra.]

Amado, João (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. *Imprensa da Universidade de Coimbra*.

Matias, Ana (2015). *Desigualdades económicas e qualidade de vida na Europa*. [Dissertação de Mestrado em Sociologia, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa].

Antunes, F. (2019). Formar uma elite ou educar um povo? Quarenta anos de ensino secundário em democracia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 89, pp. 53-77.

Carvalho, Cristiana e Oliveira, Catarina (2017). Uma leitura de género sobre mobilidades e acessibilidades em meio rural. *Cidades, comunidades e territórios*, 35, pp. 129 – 146.

Cordeiro, António et al. (2016, julho 6). *Reorganização de rede escolar em territórios de baixa densidade em Portugal. Construção de uma matriz de análise*. IX Congresso português de Sociologia: Portugal, território de territórios, Universidade do Algarve.

Lima, Licínio e Torres, Leonor (2020). Políticas, dinâmicas e perfis dos agrupamentos de escolas em Portugal. *Análise Social*, n.º 237, pp. 748-774.

Mateus, Sandra (2002). Futuros prováveis: um olhar sociológico sobre os projetos de futuro no 9º ano. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 39, pp. 117 – 149.

Mauritti, Rosário et al. (2019). Desigualdades sociais e desenvolvimento em Portugal: Um olhar à escala regional e aos territórios de baixa densidade. *Sociologia On Line*, n.º 19, pp. 81-101.

Mota, Bruno. (2019). *A Problemática dos territórios de baixa densidade: quatro estudos de caso*. [Dissertação de mestrado em Administração Pública]. Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.

Pereira, Rui (2014). Educação em Portugal (1974 – 2014). Tempos, ideias e combates. *Educação, Sociedades e Cultura*, n.º 43, pp. 11-24.

Seabra, Teresa et al. (2022). Seletividade social na escola básica portuguesa: dinâmicas, condições e políticas (2008-2018). *Análise Social*. 57(244), p.520 - 543.

Sebastião, João et al. (1994). Renunciar à Escola – o abandono escolar no ensino médio. Fim de Século.

Vieira, M. M. (Eds.). (2015). O futuro em aberto. Lisboa: Mundos Sociais

VII. Anexos

Anexo 1 : Guião de entrevista – Alunos do secundário

Objetivos	Dimensão	Pergunta
Caracterizar o território de residência de modo a compreender as suas características geográficas e demográficas	Território	<ul style="list-style-type: none"> • Onde reside? • Quais são as principais infraestruturas e ofertas que possui (exemplos: cafés, escolas, centro de saúde, etc) • Qual é a principal atividade económica/ fonte de rendimento das famílias? • Qual é a distância aproximada ao principal centro urbano? • Existe oferta de rede rodoviária ou ferroviária? Como funciona?
Caracterizar o território de residência de modo a compreender a oferta escolar	Território Oferta educativa	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a oferta escolar presente na zona de residência? Quantas escolas e de que ciclos? • Quais as ofertas escolares nas zonas periféricas e no centro urbano mais próximo? • Qual a oferta educativa que o território oferece? • Como é que descreveria a qualidade do ensino?
Características da escola secundária que frequenta	Acessibilidade Território Educação	<ul style="list-style-type: none"> • A quanto tempo fica do território de residência? • Qual o principal meio de transporte que utiliza para lá chegar? • Tem transportes públicos desde o território de residência até à escola? • Quantos alunos e turmas tem a escola? Existe muita diversidade de contextos? • Quais as ofertas educativas (cursos)? • Como descreveria a qualidade do ensino?
Caracterizar o percurso escolar do entrevistado	Percurso escolar	<ul style="list-style-type: none"> • O percurso escolar é caracterizado por sucesso ou insucesso? Alguma vez reprovou? • Qual o curso que frequenta? • Quando teve de tomar decisões sobre que curso, teve alguma influência de terceiros? • Se voltasse atrás, mudava de opção?

		<ul style="list-style-type: none"> • Considera que a oferta existente era adequada, insuficiente? • Sente que o território onde reside influenciou a escolha por esse curso? • Pensou em fatores como a acessibilidade ou fatores económicos antes da tomada de decisão? • Como foi o processo de adaptação a uma escola secundária? Sente que estava preparado/a e que tinha as bases escolares necessárias?
Compreender as aspirações académicas do entrevistado	Expectativas escolares	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o percurso escolar que aspira seguir? Pretende entrar já no mercado de trabalho, fazer outro curso ou ingressar no ensino superior? • Sente que é influenciado/a por algum agente para tomar essa decisão? • Qual o papel que o território onde reside tem nessa decisão? É favorável ou coloca-se como um entrave? • Sente que se vivesse num centro urbano teria feito outras decisões? • Sente que se vivesse num centro urbano teria mais oportunidades e ofertas?
Compreender os objetivos profissionais do entrevistado	Aspirações profissionais	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o emprego ou cargo que ambiciona alcançar? • Qual o papel de outros agentes nesse sonho/objetivo? • Qual a influência do território nesse sonho/objetivo? • Quais os entraves para prosseguir esse sonho/objetivo?
Caracterizar o entrevistado	Socio-demográfica	Nome, Idade, Género, habilitações, zona de residência
Caracterizar o agregado familiar de modo a compreender o contexto social do entrevistado	Sócio-demográfica	Habilitação das figuras parentais, situação de emprego das figuras parentais, rendimento médio mensal do agregado familiar